

PORCHAT, Oswaldo. “A autocrítica da razão no mundo antigo”. In: SILVA Fº, Waldomiro J. (Org.) *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*. Ijuí: Ed.Unijuí, 2005, 266 p.

Manoela Reis¹

Na obra, o autor enfoca a importância da Filosofia dos gregos e sua sabedoria racional, dando enfoque à sofística e sua imagem, duramente deturpada por Platão e Aristóteles. Geralmente ao nos debruçarmos sobre as questões que tratam da história da filosofia grega, somos levados especialmente às doutrinas especulativas que tinham como pretensão ensinar aos homens a verdade, desvendar o que se fazia oculto e levá-los ao conhecimento da realidade das coisas. O autor dá ênfase ao fato de que a atenção é voltada preferencialmente ao estudo do platonismo, aristotelismo ou estoicismo, deixando para trás a herança da história cristã do pensamento filosófico antigo.

Assim, Porchat procura mostrar que se a Filosofia moderna se estabeleceu, em partes, de um processo de ruptura com o pensamento medieval, algum aspecto manteve-se forte perante sua postura. Onde, a partir disto, foi construída toda uma tradição racionalista, preservando um *paradigma grego-cristão*².

A sofística grega foi radicalmente atacada por Platão e Aristóteles, tendo seu devido reconhecimento, tardiamente, no século XX, por um processo que buscou revalorizar sua importante contribuição para a cultura grega e ocidental. Antes de seguir por tal direção, Porchat reforça a idéia de que o principal objetivo da Filosofia jônica era propor explicações naturais dos fenômenos, compreender o mundo como uma unidade, substituir explicações míticas por tentativas de explicações racionais.

Passamos ainda pelo eleatismo, com Zenão e sua famosa tese, onde se procura reduzir ao absurdo as noções de movimento e multiplicidade, e posteriormente, chegando ao atomismo, onde há uma certa forma de harmonia entre o heraclitianismo e o eleatismo, conciliação a que já tinham, de certo modo dado continuação às doutrinas de Anaxágoras e Empédocles. Os sofistas atribuíram como tarefa primordial a educação e a formação dos jovens, privilegiando a eficácia prática destas doutrinas, frequentemente fora dos valores

¹ Graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, atualmente estagia pela Fiocruz no Museu de Astronomia e Ciências Afins, na Sociedade Brasileira de História da Ciência.

² Segundo Porchat: “*Concepção da razão como faculdade capaz de um conhecimento efetivo do real.*” (p.24)

tradicionalmente impostos, propondo-se a neles desenvolver a capacidade de pensar, falar e agir. Porchat nos atenta à importância de que a sofística, mesmo complementando a Filosofia jônica, de certo modo, abordando a cultura e a problemática humanas, por outro lado adota uma atitude crítica com relação a todo pensamento metafísico. Neste momento do texto Porchat dá lugar à Protágoras, notável pensador, que segundo o autor teve como “*sua grande e principal descoberta o poder de argumentação do lógos.*” (p.27).

Protágoras propôs sua famosa doutrina do homem como medida das coisas, das que são e das que não são, referindo-se tanto às impressões sensoriais como aos valores, individuais ou coletivos. Protágoras apresenta uma nova concepção de sabedoria, quando diz que esta não é encontrada nos que pretendem ter acesso à natureza das coisas, mas sim nas artes (*tékhnai*), criadas pelos homens para transformar as coisas em seu benefício.

A tarefa da Filosofia cética será revelar severamente essa concepção e retomar à tradição crítica da sofística. Foi apenas no século V que a medicina tornou-se uma disciplina intelectualmente respeitável, onde os médicos eram imbuídos de cultura e tinham contato com alguns escritos filosóficos. Essa medicina, nomeada de racionalista (*logikof*), assumiu que se podia determinar, pelo uso da razão, a natureza de uma doença, conhecer suas causas e a partir disto encontrar tratamento conveniente. Entretanto, os empiristas (*empeirikof*), radicalmente contra esta tendência racionalista, acreditavam que todo conhecimento médico era advindo de pura experiência e que essa somente podia ser adquirida na prática efetiva da medicina.

Já no século I a.C. surge a escola dos metódicos, dissidentes dos empiristas, que desafiaram aos empiristas e racionalistas. Porchat acrescenta: “*Entenderam que tudo que é de interesse para a medicina se passa no domínio do observável, tornando desnecessário qualquer recurso a teorias racionalistas. [...] Coube, porém, ao ceticismo grego a incorporação dessa epistemologia empirista ao campo da Filosofia propriamente dito.*” (p.33) Nesta seção, o autor faz um apanhado do pensamento cético desde sua origem. No século I a.C. Enesidemo, filósofo pertencente à Academia de Platão, que na época era fortemente influenciada pelo pensamento estoíco, a abandona e decide buscar os ensinamentos de Pirro, dando origem à um movimento filosófico chamado *Sképsis*³, sendo mais tarde conhecido como ceticismo. Visto que Pirro nada deixou por escrito, a

³ Segundo Porchat: “Termo que, literalmente significa ‘observação’, ‘exame’, ‘reflexão’.” (p.35)

interpretação de seu pensamento é precária. Geralmente baseia-se nos fragmentos de seu discípulo Timão, na tentativa de reconstituir sua doutrina. Pirro afirmou que as coisas são indiferentes, pois nossos sentidos são incapazes de verdade ou falsidade, colocando como objetivo da vida humana a felicidade (*eudaimonía*).

Os céticos investigaram a fundo tudo que puderam contra as doutrinas dogmáticas. Opuseram argumentos contrários a tudo que seus adversários sustentavam, com igual persuasão, com o intuito de demonstrar a impossibilidade de uma opção filosófica entre as teses em conflito. Como resultado tiveram a suspensão do juízo (*epokhé*), definindo precisamente o estado de inteligência, conhecimento (*dianóia*), que se vivencia mediante a esta impossibilidade.

Para Porchat quem deve e pode buscar o debate com as Filosofias é a própria Filosofia, inclusive reconhecendo os próprios limites dos métodos filosóficos como parte da crítica ou do conflito. A atitude cética se configura como uma atenção, um cuidado permanente com o ato de filosofar, sem se preocupar em produzir verdades, sistemas, doutrinas ou mesmo crenças.